



Francisco Simões
Investigador Auxiliar ISCTE

Por falar em mama

A medida que o léxico político se vai degradando, não se espera que a mudança aconteça pelo exemplo. Já se sabe: os moralistas, vênham eles das franjas da esquerda ou da direita, escrutinam incessantemente a pureza dos outros. Já a sua, traduzida em atos, palavras e omissões, não requer vigilância própria.

Neste campo da disputa verbal, o verbo mamar ganhou destaque, embora com velhas ressonâncias. Notam os moralistas que o sistema está tomado por certas pessoas que, prolongando-se nos cargos ou saltando entre eles, nada mais fazem do que aperfeiçoar essa arte. Ora, a caminho das eleições autárquicas, e percorrido grande parte do espectro político regional, tal afirmação não pode ser desmentida. As estratégias usadas com esse fito são velhas, mas merecem referência.

Uma das alternativas usadas para manter ou ampliar o poder passa por transferir o exercício dos cargos de deputado à assembleia legislativa re-

gional dos representantes inicialmente eleitos para aqueles que se apresentaram em lugares não elegíveis. Essa rotação abrange, precisamente, pessoas que ocupavam presidências de câmara ou que pretendem vir a tomá-las, em breve. Respeitar o contrato tácito com os eleitores para o cumprimento de mandato? Enfim, talvez não seja assim tão importante.

Notam os moralistas que o sistema está tomado por certas pessoas que, prolongando-se nos cargos ou saltando entre eles, nada mais fazem do que aperfeiçoar essa arte.

Noutro caso, a rotação dá lugar ao açambarcamento. Permite a lei – e sobretudo a consciência dos dirigentes partidários – que presidentes de junta de freguesia acumulem o cargo com

o desempenho de funções como deputado na assembleia legislativa regional. Nessa gestão de monopólios desempenham os líderes das autarquias locais o papel de caciques, à imagem do que já sucedia no fim da monarquia parlamentar e na primeira república. Desse ponto de vista, a consistência é o único elogio que se pode fazer a quem abusa de tal expediente.

Junta-se-lhes, por fim, a chamada evasão autárquica, quando uns espertalhões que por ainda andam esgotam as fichas que tinham numa autarquia, por terem atingido o limite de mandatos, e apontam à autarquia vizinha. Consta que acontecerá numa das ilhas do triângulo. Daqui a doze anos, à falta de mais alternativas, talvez a candidatura seja apresentada do outro lado do canal.

Mas os puros, que nada sabem para além de se indignar, gritar e mandar vigiar, parecem ter aprendido depressa o significado do verbo mamar. E tanto assim é que, alguns deles, no espaço de menos de um ano, candidatam-se ao parlamento nacional e a vá-

rias autarquias, em pleno exercício de funções enquanto deputados regionais. Podem? Claro que sim. Mas querendo, assim, com sofreguidão, sugar todas as tetas ao mesmo tempo, apenas copiam o que criticam.

Nisto tudo, ilumina-nos o nobre povo do Corvo. Por lá, os sociais-democratas, percebendo que alguém se prepara para usurpar todas as posições de poder e representação da ilha, não só recusaram apresentar candidato como se predispõem a votar em massa no candidato socialista, para fazerem valer a sua posição. Mas talvez isto não nos devesse surpreender. Já no início do século XX, os republicanos corvinos eram conhecidos por usarem armas pouco convencionais. À falta de revólveres, consta que brandiam os monárquicos com bacalhau seco. Da minha parte, já nem peço tanto sal ou rasgo criativo. Apenas um bocadinho de respeito pelos eleitores bastaria. ■